

**Determinantes da pobreza das mulheres chefes de família no meio rural
brasileiro em 2023**

Determinants of poverty among female heads of household in rural Brazil in 2023

Carolina dos Santos Ferreira

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Econômicas da Universidade
Estadual de Maringá. Maringá, (PR), Brasil
Pg56059@uem.br

Ednaldo Michellon

Professor Associado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Econômicas da
Universidade Estadual de Maringá. Maringá, (PR), Brasil
emichellon@uem.br

GT 05 - Agricultura familiar, ruralidades e relações de gênero no meio rural

Resumo: O presente estudo inicialmente apresenta uma revisão de literatura empírica sobre as mulheres no campo e a chefia feminina rural. Por meio dessa literatura, o objetivo do trabalho foi analisar a razão de chances que uma mulher chefe de família tem de se encontrar em situação de pobreza no ano de 2023, levando-se em consideração fatores como escolaridade, ocupação, raça, idade e a presença de filhos de 0 a 6 anos e de 7 a 14 anos. Através do uso de microdados coletados por meio da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), foi feita uma análise descritiva das variáveis por meio da comparação entre homens chefes de família e mulheres chefes residentes em domicílios rurais e, posteriormente, a estimação de um modelo *logit* para o ano de 2023, para medir a razão de chances das mulheres se encontrarem em situação de pobreza. Os principais resultados da pesquisa mostraram que, as mulheres se encontraram mais em situação de pobreza do que os homens, a escolaridade delas é superior e a quantidade de mulheres ocupadas é bastante inferior à dos homens. Ademais, o modelo estimado mostrou que o aumento da escolaridade, presença de ocupação e ser de raça branca e idade mais avançada obtiveram chance de reduzir a pobreza das mulheres chefes, já a presença de filhos foi crucial para o aumento da chance de pobreza.

Palavras-chave: Chefia feminina, Mulheres rurais, Vulnerabilidade socioeconômica

Abstract: This study presents an empirical literature review on rural women and female headship of households. Based on this literature, the objective of the study was to analyze the odds ratio of a female head of household living in rural areas being in a situation of poverty in 2023, considering factors such as education, occupation, race, age, and the presence of children aged 0 to 6 and 7 to 14 years. Using microdata from the Continuous National Household Sample Survey (PNADC), a descriptive analysis was conducted comparing male and female heads of household residing in rural households. Subsequently, a logit model was estimated for the year 2023 in order to measure the odds ratio of female heads of household being in poverty. The main results indicate that female heads of household were more likely to be in poverty than male heads, despite presenting a higher average level of schooling. In addition, the proportion of employed women was significantly lower than that of men. The estimated model showed that higher levels of education, being employed, being white, and greater age reduced the likelihood of poverty among female heads of household. Conversely, the presence of children significantly increased the likelihood of poverty.

Keywords: Female headship; Rural women; Socioeconomic vulnerability

1. Introdução

Ao longo das últimas décadas, estudos como os de Evangelista (2020) abordaram a temática da chefia feminina nos lares brasileiros e apontaram para o seguinte fenômeno: o crescente número de mulheres chefes de família tanto em áreas urbanas, quanto em áreas rurais.

Em 2022, o percentual de mulheres chefes de família ultrapassou o percentual de homens chefes de família chegando a 51%. Dentre as mulheres responsáveis, as negras foram maioria em todas as regiões do Brasil, exceto na região Sul. Além disso, 69,6% apresentaram rendimento domiciliar *per capita* de até 1 salário mínimo, enquanto apenas 35,4% das famílias chefiadas por homens brancos obtiveram renda domiciliar *per capita* de até 1 salário mínimo. (IPEA, 2025).

Com o objetivo de caracterizar os domicílios chefiados por mulheres e o seu grau de pobreza, estudos como os de Caldarelli *et al.* (2021) e Raiher (2016) mostraram que as mulheres chefes tendem a enfrentar maiores condições de pobreza do que os homens chefes de família.

Em 2023, foi criado o Projeto de lei n.º 4.551/2023 que propõe a promoção de eventos com o objetivo de aumentar a capacitação e profissionalização das mulheres trabalhadoras rurais, priorização das mulheres no acesso a subsídios e recursos voltados à agricultura, maior escolarização de seus filhos e políticas públicas voltadas para elas.

Ainda no mesmo ano, foi criado do Projeto de lei n.º 2047/2023 com a finalidade de permitir que uma mulher reconhecida como “do lar”, “doméstica” e “dona de casa” em documentos apresentados à previdência também tenha direito a receber aposentadoria pelos serviços prestados em atividades rurais no regime de economia familiar.

A partir dessas proposições, o presente estudo se justifica pela necessidade de tratar a problemática da mulher chefe rural em situação de pobreza, em um cenário de crescimento da presença delas na categoria de chefia e da criação de projetos de leis e planos com o objetivo de atendê-las. Dessa forma, o objetivo do trabalho consiste em analisar a chance de uma mulher chefe de família que reside em área rural se encontrar em situação de pobreza no ano de 2023.

Para isso, inicialmente é apresentada uma literatura empírica, que aborda estudos sobre a temática da chefia feminina rural. Em seguida, é feita uma análise descritiva com base nos microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (IBGE, 2023) para fazer um comparativo entre mulheres e homens chefes de família que residem em área rural. Após a caracterização geral é feita, através da estimação de um modelo *logit*, a razão de chances de uma mulher chefe de família se encontrar em situação de pobreza. Por fim, o estudo apresenta as considerações finais da pesquisa.

2. Literatura teórica e empírica

Rossini (1993) realizou uma pesquisa de campo na área canavieira de Ribeirão Preto, com o objetivo de averiguar as famílias, nas quais pelo menos uma mulher da família,

empregava sua força de trabalho em atividade ligada à agricultura canavieira. Por meio de pesquisas qualitativas de 43 e 35 famílias nos anos de 1977 e 1986, respectivamente, concluiu que houve aumento da participação da mulher na força de trabalho, queda nas taxas da fecundidade e aumento do número relativo de mulheres como chefes de família.

Scott (2007) realizou um estudo para caracterizar mulheres responsáveis pelo domicílio e chefes de família no Norte e no Nordeste, através da análise descritiva de dados do Censo Demográfico de 2000. Quanto a questão da escolaridade, em ambas as regiões, as mulheres chefes de domicílio apresentaram maior escolaridade e menor renda do que os homens chefes de domicílio. Mulheres de 45 anos para cima foram mais propensas a se tornarem responsáveis pelo domicílio. O acesso ao dinheiro da seguridade social contribuiu mais para assegurar a mulher no campo do que o homem tanto no Norte, quanto no Nordeste.

Para averiguar o mercado de trabalho rural e o rendimento, Lima *et al.* (2010) analisaram os microdados da PNAD de 2007 por gênero e raça. A metodologia se dá pela aplicação do procedimento de Heckman em duas etapas: através de um modelo *Probit* para obter a razão inversa de Mills. A segunda equação estimada aplica a razão inversa de Mills. O estudo elucidou que quanto maior o nível de escolaridade das mulheres, maior o retorno dos rendimentos de todos os trabalhos a partir de seis anos de estudo, para o caso feminino. Ademais, concluiu que apesar das mulheres apresentarem nível de qualificação maior do que à dos homens, o rendimento auferido por elas foi inferior. Por fim, também salientou que mulheres com filhos tiveram menor probabilidade de participar do mercado de trabalho.

Com o objetivo de realizar um estudo comparativo entre o sexo feminino e masculino, Branchi e Figueiredo (2014) utilizaram dados da PNAD de 2009 com a finalidade de investigar as condições socioeconômicas das famílias rurais nas regiões metropolitanas e não-metropolitanas brasileiras dando ênfase na pobreza, renda e ocupação. Através da análise descritiva dos dados, concluíram que as famílias com chefia feminina apresentaram menor renda *per capita* e maior nível de pobreza. O desemprego afetou mais fortemente grupo de famílias chefiadas por mulheres tanto nas regiões metropolitanas, quanto não metropolitanas. Em relação às chefes mulheres ocupadas do rural metropolitano, estas se encontraram principalmente na posição de empregadas (5% a mais do que os homens), no setor de serviços (65,5%) e, mais predominantemente, em serviços domésticos (25,3%).

Por meio da análise das escolhas ocupacionais de mulheres de 15 a 29 anos residentes nas áreas rurais do Sul do Brasil, através do modelo *logit* multinomial com dados do censo demográfico de 2010, Oliveira *et al.* (2019) apresentaram que um maior nível educacional

elevou as chances de participação na população economicamente ativa e a presença de filhos incentivaram as mulheres a transitarem para a categoria de não trabalhar e nem estudar (nem-nem).

O trabalho de Raiher (2016) investigou a probabilidade de domicílios chefiados por mulheres estarem inseridos em condição de pobreza no ano de 2013, com base nos dados da PNAD por meio da aplicação de um modelo *logit*. O estudo concluiu que, em uma comparação de gênero, 24,3% dos domicílios chefiados por mulheres se encontraram em situação de pobreza, contra 21,6 % dos domicílios chefiados por homens. Além disso, a pobreza da mulher chefe de família que reside em área rural foi superior à da residente em área urbana (43% e 23%, respectivamente). Por fim, salientou que a maior parcela de mulheres chefes é da cor parda e negra e que estes domicílios tendem a se encontrar em maior situação de vulnerabilidade e fatores como a presença de um emprego e escolaridade foram significativos para a diminuição dos níveis de pobreza.

Evangelista (2020) elaborou um estudo com o objetivo de investigar as características das mulheres chefes de família no Brasil em áreas rurais e urbanas das cinco regiões do país usando como base a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do IBGE no ano de 2015 em comparação com o ano de 2005 por meio de uma análise descritiva e a estimação de uma regressão *logit*, estimada apenas para 2015. Em âmbito rural, apresentou que a proporção de mulheres que eram chefes de família foi de 16% em 2005 para 21% em 2015. Quanto a escolaridade das mulheres, 15% delas apresentaram nenhuma instrução ou menos de um ano de estudo em 2015 e, em 2005, 22% delas não tinham instrução. Quanto a presença de carteira assinada, 14% delas apresentaram em 2015 em comparação com o ano de 2005, que foi de 13%. Ademais, quanto aos resultados estimados por *logit*, o estudo mostrou que residir em área rural, ser da cor branca, migrante e ter experiência profissional reduziram a probabilidade das mulheres de se tornarem chefes de família.

Caldarelli *et al.* (2021) analisaram a pobreza (renda inferior a $\frac{1}{2}$ salário-mínimo) de homens e mulheres chefes de família no Brasil em áreas urbanas e rurais. O período analisado foi de 2012 a 2018, através de dados da PNADC. O estudo evidenciou que a porcentagem de mulheres chefes de família em condição de pobreza foi superior à de homens chefes de família. Além disso, as mulheres chefes que residem em área rural também apresentaram maior incidência de pobreza do que as mulheres chefes em área urbana.

3. Metodologia

As variáveis utilizadas foram microdados selecionados através da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) referentes ao ano de 2023 no Brasil (IBGE, 2023). Para a análise descritiva, foram criadas variáveis para classificar os chefes de família em área rural. Os chefes de família são divididos por sexo: se o chefe de família é homem ou mulher. Foi criada uma variável para verificar se o chefe de família se encontra em situação de pobreza ou não. Para analisar a chance de pobreza foi utilizada a linha de pobreza de $\frac{1}{2}$ salário-mínimo de renda média habitual domiciliar *per capita* mensal para o ano de 2023. Portanto, os indivíduos considerados pobres foram aqueles que apresentaram rendimento inferior ou igual à linha de pobreza estabelecida.

Além disso, também foi estimada uma variável para analisar a idade dos chefes de família de forma contínua, com a seleção apenas de indivíduos acima de 14 anos. Quanto a área censitária, a variável selecionada descreve apenas residentes da área rural. Também foi estimada uma variável binária para averiguar se o chefe de família tem filhos na faixa etária de 0 a 6 anos ou não e outra para analisar se o chefe de família tem filhos de 7 a 14 anos ou não. A variável escolaridade foi criada para analisar o nível de escolaridade dos indivíduos ao longo dos anos de forma contínua. Também se verifica se o chefe de família é branco ou não e, por fim, se estima uma variável que mostra se o chefe de família é ocupado ou não. Para a parte empírica, é feita a estimação das variáveis, através de um modelo *logit*. O Quadro 1 sintetiza as variáveis selecionadas para o ano de 2023:

Quadro 1 – Variáveis explicativas para medir a razão de chances de uma mulher chefe de família ser pobre em um domicílio rural

Variável	Notação	Descrição
Escolaridade	Escolaridade	Escolaridade do chefe de família
Idade do chefe	Idadechefe	Idade do chefe de família
Ocupação	Chefeocupado	<i>Dummy</i> que assume valor igual a 1 se o chefe possui ocupação e 0 caso contrário
Chefe branco	chefe_branco	<i>Dummy</i> que assume valor igual a 1 se o chefe de família for branco e 0 caso contrário
Filhos de 0 a 6 anos	idadefilho0_6	<i>Dummy</i> que assume valor igual a 1 se o chefe possuir filhos de 0 a 6 anos e 0 caso contrário
Filhos de 7 a 14 anos	idadefilho7_14	<i>Dummy</i> que assume valor igual a 1 se o chefe possuir filhos de 7 a 14 anos e 0 caso contrário

Fonte: elaboração própria.

O modelo *logit* foi escolhido, pela sua significância estatística em comparação com outros modelos que trabalham a probabilidade (como o modelo de probabilidade linear, por exemplo) e pela quantidade relevante de trabalhos sobre pobreza que utilizam essa metodologia.

De acordo com Greene (2018), o modelo de regressão logística (*logit*) é dado pela seguinte expressão:

$$Prob(Y = 1|x) = \frac{\exp(x'\beta)}{1 + \exp(x'\beta)} = \Lambda(x'\beta) \quad (1)$$

Em que a expressão Λ é usada para indicar a função de distribuição logística que representa a chance da variável dependente binária estimada ocorrer ou não. Quando $x'\beta$ é extremamente pequeno há maior probabilidade de que o evento ocorra ($Y = 1$) e quando $x'\beta$ é muito grande há maior probabilidade de que o evento não ocorra ($Y = 0$). Sendo x' o regressor e o β coeficiente angular. Para interpretar a ocorrência dos eventos estimados e realizar suas respectivas explicações é utilizada a razão de chances, de um evento ocorrer ou não.

4. Resultados

Na Tabela 1 se apresenta a estatística descritiva dos chefes de família em área rural. As variáveis binárias são apresentadas em porcentagem quando assumem que o evento estimado ocorreu ($Y=1$). As demais variáveis são apresentadas em anos contínuos (escolaridade e idade do chefe).

Tabela 1 - Estatística descritiva dos chefes de família em domicílio rural

Variável	Mulheres		Homens	
	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão
Chefe Pobre	0,47	0,49	0,35	0,47
Escolaridade	6,8	4,7	5,9	4,4
Idade do chefe	48,6	16,9	51,9	15,8
Ocupação	0,3	0,46	0,65	0,47
Chefe Branco	0,3	0,45	0,36	0,48
Filhos de 0 a 6 anos	0,2	0,4	0,16	0,37
Filhos de 7 a 14 anos	0,26	0,44	0,19	0,39

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da PNADC 2023.

Das mulheres chefes de família no Brasil residentes em área rural, 47% se encontraram em situação de pobreza durante o ano de 2023. A proporção entre os homens no mesmo ano foi de 35%. A proporção de mulheres chefes de família em situação de pobreza foi superior à dos homens, em consonância com o estudo de Caldarelli *et al.* (2021).

Quanto ao indicativo da escolaridade, em um comparativo entre os sexos, as mulheres apresentaram escolaridade superior (aproximadamente 7 anos de estudo para as mulheres e 6 para os homens). Lima *et al.* (2010) também apresentaram que apesar da escolaridade das

mulheres em meio rural ser superior à dos homens, a renda auferida por elas foi inferior. A idade dos chefes de família foi de aproximadamente 49 anos para as mulheres e 52 anos para os homens.

A proporção de homens chefes de família que apresentaram algum tipo de ocupação foi de 65%, enquanto a de mulheres chefes ocupadas foi de 30%. Dado que está alinhado com o que evidenciam Branchi e Figueiredo (2014) com o enfrentamento de maiores taxas de desemprego por parte das mulheres. Ademais, Scott (2007) e Lima *et al.* (2010) também apontam para o maior uso de seguridade social por parte das mulheres chefes de família, e de programas de transferência de renda, como o bolsa família, por exemplo.

Tanto as mulheres chefes quanto homens apresentaram maior porcentagem de chefes não brancos (70% e 64%, respectivamente) do que brancos. Informação que se alinha com os dados de Evangelista (2000) que apresentam mulheres da cor branca com menor probabilidade de se tornarem chefes de família e com os achados de Raiher (2016), que mostra a maior parcela de mulheres chefes de família como de raça parda e negra.

Em relação a presença de filhos de 0 a 6 anos, 20% das mulheres chefes apresentaram filhos nessa faixa etária, enquanto 16% dos homens chefes apresentaram filhos nessa faixa. A presença de filhos de 7 a 14 anos, em média, foi superior para ambos os sexos, sendo 26% para as mulheres e 19% para os homens.

Dadas as considerações e comparativos entre mulheres e homens chefes de família em contexto rural, que mostram a vulnerabilidade da chefia feminina, a seguir apresenta-se os resultados do modelo *logit* estimado para medir a razão de chances de existir uma mulher chefe de família em condição de pobreza em âmbito rural. Os resultados do modelo estimado são apresentados em razão de chances (*odds ratio*).

A Tabela 2 a seguir apresenta os resultados da estimação do modelo *logit* com a finalidade de medir a razão de chances de existir mulher chefe de família em condição de pobreza em um domicílio rural.

A variável Escolaridade apresentou coeficiente negativo e razão de chances de 0,8955. Isso significa que, quanto maior a escolaridade da chefe de família que reside em área rural, menor a chance desta se encontrar em situação de pobreza em 10,45%. Esse resultado está de acordo com o apresentado por Oliveira *et al.* (2019), evidenciando que, o aumento da escolaridade eleva a probabilidade da mulher se encontrar na população economicamente ativa (PEA). Portanto, a educação se mostra significativa para a redução da condição de pobreza, e, levando-se em conta a questão de gênero, é importante salientar que, apesar das mulheres chefes

de família apresentarem maior nível de escolaridade do que os homens chefes de família, ainda se encontram em situação de maior vulnerabilidade.

Tabela 2 - Resultados do modelo *logit* estimado que medem a razão de chances de uma mulher chefe de família que reside em área rural se encontrar em situação de pobreza

Variável	Coefficiente	Desvio-padrão	p-valor	Razão de chances	Desvio-Padrão	p-valor
Escolaridade	-0,1102	0,0054	0,000	0,8955	0,0048	0,000
Idade do chefe	-0,0711	0,0018	0,000	0,9312	0,0017	0,000
Ocupação	-1,3306	0,0467	0,000	0,2643	0,0123	0,000
Chefe branco	-0,6882	0,0438	0,000	0,5024	0,0220	0,000
Filhos de 0 a 6 anos	0,4384	0,0596	0,000	1,5502	0,0924	0,000
Filhos de 7 a 14 anos	1,1331	0,0507	0,000	3,1054	0,1575	0,000
Constante	4,3488	0,1217	0,000	77,3856	9,4207	0,000
Número de observações						15,437
LR chi2(6)						5589,37
Log likelihood						-7888,8651
Pseudo R2						0,2616

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da PNADC 2023.

Quanto a variável que apresenta a Idade do Chefe, também apresentou coeficiente negativo e razão de chances de 0,9312. Dessa forma, é possível inferir que o aumento da idade diminui a chance de pobreza em 6,88%. Proposição que se alinha com Evangelista (2020) e Scott (2007) que mostram a idade como uma *proxy* para a experiência, ou seja, quanto maior a idade, maior a experiência no mercado de trabalho e anos de estudo e, portanto, menor a chance de pobreza.

A variável Ocupação apresentou razão de chances de 0,2643 e coeficiente negativo, indicando que estar ocupada reduz de forma significativa, em 73,57%, a chance de a mulher chefe de família encontrar-se em situação de pobreza. Em 2023, apenas 30% das mulheres chefes possuíam ocupação, o que reforça a vulnerabilidade desse grupo. Segundo Branchi e Figueiredo (2014), as mulheres enfrentam maiores dificuldades para obter emprego e, quando ocupadas, concentram-se majoritariamente em atividades de serviços domésticos.

Levando-se em conta a questão da cor, a variável Chefe Branco apresentou coeficiente negativo e razão de chances de 0,5024. Isso mostra que ser de cor branca reduziu a chance de pobreza feminina em 49,76%. Esse resultado vai de encontro com o estudo de Raiher (2016), que mostra mulheres brancas com menor chance de pobreza. Também se alinha com o fato de que a maior parcela de chefes mulheres são pretas e pardas, domicílios em que a pobreza é mais presente do que para chefes mulheres brancas.

Para as mulheres chefes que apresentaram Filhos de 0 a 6 anos a razão de chances de se encontrar em situação de pobreza foi de 1,5502 e o coeficiente apresentou sinal positivo. Portanto, ter filho nessa faixa etária aumentou a chance de pobreza em 55,02%. A presença de Filhos de 7 a 14 anos também apresentou sinal positivo e teve uma razão de chances ainda maior (3,1054).

Isso significa que ter filho nessa faixa etária aumentou ainda mais a chance de pobreza do que na faixa de 0 a 6 anos, em 210,54%. Oliveira *et al.* (2019) salientam que ter filhos diminui a probabilidade de as mulheres participarem da população economicamente ativa e aumenta a probabilidade de não estudarem e não trabalharem, fatores que contribuem para que a chance de pobreza seja maior.

5. Considerações finais

A partir da apresentação de uma revisão de literatura empírica que caracteriza o perfil tanto de mulheres, quanto de chefes de família rurais tanto de maneira regional, quanto nacional, o presente estudo teve como objetivo analisar a chance de uma mulher chefe de família que reside em área rural se encontrar em situação de pobreza no ano de 2023, através de microdados da Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC).

Inicialmente foi feita uma análise comparativa descritiva entre a chefia feminina e masculina rural e, em seguida, foi estimado um modelo *logit* para verificar a razão de chances de uma mulher chefe se encontrar em situação de vulnerabilidade financeira.

Por meio da análise descritiva, concluiu-se que em um comparativo entre os sexos, as mulheres apresentaram maior proporção de chefes em situação de pobreza do que os homens, mesmo com escolaridade média superior à deles.

Além disso, o nível de ocupação médio feminino foi inferior, evidenciando o maior enfrentamento do desemprego por parte das mulheres e maior propensão de se encontrarem em serviços domésticos. Ao analisar a questão da cor, verificou-se que a maior parcela de chefes de família, tanto de homens, quanto de mulheres, foi de não brancos.

Por meio da análise empírica do modelo *logit*, concluiu-se que o aumento do nível de escolaridade e da idade reduziram as chances de pobreza das mulheres chefes. A questão da cor também se mostrou significativa, evidenciando a maior chance de pobreza dos indivíduos não brancos. A variável que se mostrou mais relevante na redução da chance de pobreza foi a presença de uma ocupação.

A presença de filhos, tanto de 0 a 6 anos, quanto de 7 a 14 anos, se mostraram extremamente significativas no aumento da pobreza feminina, dado o afastamento delas do

mercado de trabalho e do estudo com maior direcionamento aos serviços domésticos, assim que os filhos nascem e crescem.

Portanto, dadas as principais considerações do estudo, vê-se necessário o estabelecimento de políticas públicas que fomentem a educação e maior participação laboral das mulheres rurais, principalmente as de cor parda e negra e com filhos, para que seja possível diminuir a situação de vulnerabilidade financeira dessas mulheres.

Referências

BRANCHI, B. A.; FIGUEIREDO, N. M. S. Diferenças entre homens e mulheres nas famílias do rural metropolitano brasileiro em 2009. **Espacios**, v. 35, n. 7, p. 18, 2014.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei n.º 4551**, de 19 de setembro de 2023. Autor: Raimundo Santos (PSD/PA). Dispõe sobre a garantia dos direitos das mulheres trabalhadoras rurais. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2023. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=2330172&filena me=PL%204551/2023>. Acesso em: 18 jul. 2025.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei nº 2.047**, 20 de março de 2023. Autor: Daniel Soranz. Dispõe sobre o reconhecimento, para fins previdenciários, da atividade rural exercida por mulher identificada como “do lar”, “doméstica” ou “dona de casa” no regime de economia familiar. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2023. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/2351988>>. Acesso em: 18 jul. 2025.

CALDARELLI, C. E.; CABRERA, L. C.; GARRUCHO, M. E. G. Pobreza feminina no Brasil: Os domicílios pobres chefiados por mulheres. **Revista Orbis Latina**. Unila, v.11, n. 01, p. 142-159, 2021.

EVANGELISTA, M. M. R. **Determinantes da mulher chefe de família brasileira: análise rural, urbana e regional**. 2020. 43f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências Agrárias, Programa de Pós – Graduação em Economia Rural. Fortaleza, 2020.

GREENE, W. H. **Econometric analysis**. 18 ed. New York: Pearson, 2018.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua** - PNAD Contínua: microdados 2023. Rio de Janeiro: IBGE (2023a). Disponível em: <<http://ibge.gov.br>>. Acesso em: 20 jul. 2025.

IPEA. INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Retratos**: indicadores – famílias. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/portal/categorias/267-retratos-indicadores/retratos-indicadores-familias>>. Acesso em: 20 jul. 2025.

LIMA, J. E.; BASTOS, P. M. A.; FONTES, R. M. O.; SANTOS, G. C. Mercado de trabalho e rendimento no meio rural brasileiro. **Economia Aplicada**, v.14, n.3, p. 355-379, 2010.

OLIVEIRA, C. S.; CIRÍACO, J. S.; ANJOS Jr; O. R.; LINS, J. G. M. G. Os determinantes das escolhas ocupacionais das jovens mulheres das áreas rurais do Sul do Brasil. **Revista Brasileira de Economia Empresarial**, v. 18, n. 2, p. 81-101, 2019.

RAIHER, A. P. Condição de Pobreza e a Vulnerabilidade da Mulher Brasileira. **Informe Gepec**, Toledo, v. 20, n. 1, p. 116-128, 2016.

ROSSINI, R. E. Geografia e Gênero: A Mulher Como Força de Trabalho no Campo. **Informações Econômicas**. São Paulo, p. 1-58, 1993.

SCOTT, R. P. Ruralidade e mulheres responsáveis por domicílios no Norte e no Nordeste. **Revista Estudos Feministas**, v. 15, n. 2, Florianópolis, p. 425-436, 2007.

Agradecimento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.